

AFEGANISTÃO: A CONTINUIDADE DO GRANDE JOGO

Luís Felipe Mendes Felício
Anik Bonamini Chiarato
Pedro Klein Garcia
Renato Matheus Mendes Fakhoury
Vinicius Aparecido Camargo Pereira¹

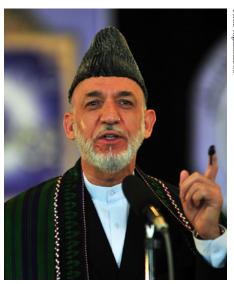
A GUERRA DO AFEGANISTÃO

"Guerra do Afeganistão" é como se batizou o conflito iniciado com a invasão dos Estados Unidos da América (EUA) ao Afeganistão depois dos ataques de 11 de setembro de 2001. Seus objetivos mais amplamente divulgados eram desmantelar a Al-Qaeda e impedir que terroristas usassem o território afegão como base ao remover o Talibã do poder.2 Alguns aliados-chave apoiaram os EUA desde o princípio e, em agosto de 2003, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) se envolveu na operação, liderando a Força Internacional de Assistência para a Segurança (em inglês, ISAF), com tropas de 43 países, tais como o Canadá, a Bélgica e a Rússia.3

O presidente dos Estados Unidos à época, o republicano George W. Bush, exigiu que o Talibã entregasse

Osama bin Laden, líder da Al-Qaeda, tida como autora dos episódios do 11/09, que era procurado pela ONU desde 1999, e promovesse a expulsão da Al-Qaeda do país. O Talibã, porém, se negou a extraditá-lo, afirmando que o terrorista iria ser submetido a uma corte islâmica afegã a menos que fossem apresentadas evidências convincentes de seu envolvimento nos ataques de 11 de setembro, e ignorou pedidos para destruir células terroristas em seu território e entregar outros suspeitos além de bin Laden. Vale lembrar que, à época, a Al-Qaeda ainda não havia assumido publicamente a autoria dos ataques.

A exigência do governo afegão foi considerada pelos estadunidenses como uma estratégia de adiamento. A partir disso, foi lançada em 7 de outubro de 2001 a Operação "Liberdade Duradoura", em conjunto com o Reino Unido e com apoio de



Hamid Karzai - presidente do Afeganistão entre 2001 e 2014

outros Estados, posteriormente.

Os EUA e seus aliados conseguiram remover o Talibã do poder em pouco tempo e construíram bases militares próximo às maiores cidades em todo o país. No entanto, a maior parte dos membros do alto escalão talibã e da Al-Qaeda não foram capturados, escapando para o vizinho Paquistão ou para áreas rurais ou montanhosas afegãs. Na Conferência de Bonn⁴ de dezembro de 2001, Hamid Karzai foi escolhido para liderar o governo de transição, sendo eleito em 2004 presidente da República Islâmica do Afeganistão.⁵

O líder do Talibã, Mulá Omar, reorganizou o movimento e, em 2003, lançou uma insurgência contra a ISAF e o governo instituído de Karzai.⁶ Apesar de ampla desvantagem numérica e tecnológica, os insurgentes, mais notadamente a Rede Haqqani⁷ e o Hezb-e-Islami Gulbuddin⁸, obtiveram bons resultados com táticas de guerrilha e esca-

ramuças no interior, além de ataques suicidas nas zonas urbanas.⁹ Os talibãs exploraram fraquezas do governo afegão, um dos mais corruptos do mundo, para reafirmar sua influência em zonas rurais do sul e leste do Afeganistão. A ISAF respondeu em 2006, aumentando as tropas de contra-insurgência, além de ter tentado reconstruir física e institucionalmente o país, na tentativa de conquistar o apoio da população local.¹⁰

Enquanto a ISAF continuava a lutar contra a revolta do Talibã, o conflito propagou-se para o noroeste paquistanês. Em 2004, o exército do Paquistão começou a enfrentar tribos locais que apoiavam a Al-Qaeda e militantes talibãs. Como consequência, o exército norte-americano passou a lançar

ataques com drones em território paquistanês, levando a uma insurgência no Waziristão¹¹ em 2007.¹²

Em 02 de maio de 2011, num ato que teve um peso político considerável - por exemplo, pode ter sido um fator determinante na reeleição do democrata Barack Obama - a Marinha estadunidense executou uma operação que culminou com a morte de Osama bin Laden em Abbotabad, Paquistão. No ano seguinte, a OTAN iniciou a retirada de suas forças da região. Negociações de paz patrocinadas pela ONU vêm sendo realizadas desde então entre o governo afegão e o Talibã. Por exemplo, a Rede Haqqani, considerada terrorista pelos Estados Unidos em 201213, em 2011 ganhou 'um lugar à mesa', com a então secretária de Estado, Hillary Clinton, admitindo publicamente um encontro entre autoridades dos Estados Unidos e lideranças do grupo para negociar a paz.14 Já em 2014, os EUA anunciaram que as operações de combate iriam terminar naquele ano, com as últimas tropas deixando o país até o fim de 2016.15

REESTRUTURAÇÃO AFEGÃ: RESULTADOS OBTIDOS

Embora o conflito ainda ocorresse, em 2002, por meio da Operação Leão da Montanha, o presidente norte-americano George W. Bush anunciou a liberação de um fundo de US\$ 38 bilhões a ser usado para a reconstrução do Afeganistão e campanhas humanitárias até 2009. A notícia veio junto com a nomeação de um governo transitório para o país, chefiado por Karzai, conforme já mencionado.

Com a ajuda da ONU, formou-se uma aliança para expandir a influência de Cabul em todo o território afegão e, dessa maneira, estabelecer um modelo de reconstrução para todo o país. Foram criadas equipes regionais



Mapa do Afeganistão



Fuzileiros estadunidenses em patrulha (2001)

chamadas Grupos de Reconstrução Provinciais (PRT, em inglês), cujas lideranças eventualmente foram transferidas para Estados-membros da OTAN. Tais grupos foram inseridos primariamente pelos Estados Unidos em solo afegão e continham diplomatas, militares e especialistas em matérias de reconstrução, visando auxiliar os governos interioranos. 16

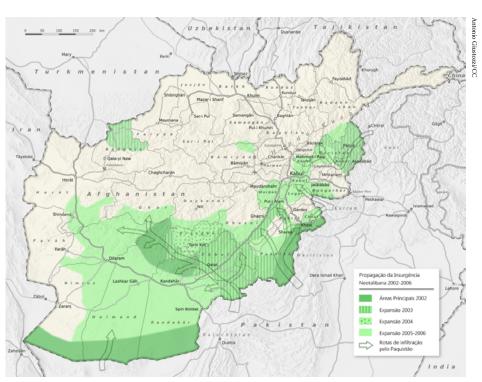
Anunciado o momento de reestruturação, foi possível que a OTAN assumisse a liderança - pela primeira vez fora da Europa - das forças de segurança internacionais no espaço afegão, dando especial prioridade à elaboração de uma Constituição nos moldes ocidentais. Dessa maneira, uma assembleia composta por mais de 500 afegãos concordou, em 2004, com o modelo que daria mais autoridade à figura presidencial, visando unir os diversos grupos étnicos do país. Mesmo com ameaças de represálias e violência, a população compareceu em peso para as primeiras eleições desde 1969. Hamid Karzai venceu com 55% dos votos válidos e as eleições presidenciais pavimentaram o caminho para as eleições locais, consideradas as mais democráticas da história do Afeganistão.17

Transformações positivas foram realizadas no país com o auxílio da ISAF, como a criação de um exército nacional, inexistente antes de 2002, e que agora é capaz de gerir certas operações por conta própria em diversas regiões de território. ¹⁸ O órgão administrativo tashkil decidiu, então, seguindo modelo concedido pela Alemanha, treinar 62 mil policiais, sendo 50 mil chamados policiais uni-

formizados, responsáveis pelo interior do território, e 12 mil chamados policiais fronteiriços, encarregados do patrulhamento de fronteiras e aeroportos internacionais. Para que se financiasse tamanho contingente, foram aceitas doações internacionais, em valor aproximado de US\$ 330 milhões. Já os custos de remuneração dos policiais, que em 2004 somavam aproximadamente US\$ 69 milhões, se expandiram para US\$ 96 milhões em 2006.19

Os projetos de infraestrutura realizados pelos PRTs também resultaram em benefícios ao país, à medida em que fomentaram investimentos estrangeiros. Isso se exemplifica quando a Lituânia, país que gerenciou um Grupo de Reconstrução na Província de Ghor, utilizou-se do momento para estabelecer diversos tratados de cooperação com entidades afegãs, que envolveram instituições estatais de engenharia, aviação civil, geologia e agricultura, e organizações não governamentais.²⁰

Apesar do cenário aparentemente



A insurgência do Talibã entre 2002-2006

próspero, 2006 foi palco de uma série de re-insurgências organizadas pelo Talibã. Impressionantes 139 ataques suicidas foram relatados naquele ano, em oposição aos 27 observados em 2005, e mais de 1600 bombas foram detonadas.²¹ Contra isso, uma operação da OTAN liderada por forças canadenses e afegãs denominada *Montain Thrust* foi posta em prática, resultando na morte de 1134 rebeldes. Apesar do esforço das forças internacionais, o conflito se intensificou.²²

Devido à posição dos insurgentes em áreas rurais do sul do país, foram lançadas diversas operações visando pacificar a região. Neste contexto, o General estadunidense David Howell Petraeus foi transferido do Iraque para o Afeganistão, focando em assegurar posições estratégicas no interior afegão, atingindo a linha de abastecimento insurgente.²³

Aderindo a técnicas de guerrilha, os insurgentes foram responsáveis por aumentar o número de baixas das forças da OTAN, o que culminou no pedido norte-americano de envio de 4 mil soldados adicionais à região em 2009.²⁴ A cooperação do Paquistão em conter as forças insurgentes na fronteira entre os dois países também auxiliou substancialmente as forças internacionais.²⁵

A escala de violência do conflito somente se abrandou após o início das conversas de paz entre o governo afegão e o grupo Haqquin, iniciadas em 2010, assim como há registros de negociações entre forças da ONU e lideranças talibãs.²⁶

O PROCESSO DE RETIRADA DAS TROPAS NO GOVERNO OBAMA

Quando assumiu a Casa Branca, em 2009, Obama herdou de Bush a guerra em seu oitavo aniversário²⁷, guerra esta que gerou consecutivos problemas para seus indivíduos como alto custo de manutenção, baixas civis e militares, aumento da fabricação e tráfico de drogas na região, dentre outros fatores.²⁸

O conflito apresentou números significativos. Estimativas apontam para a morte de pelo menos 40 mil civis e mais de 3 milhões de refugiados, números semelhantes ao do conflito sírio, iniciado em 2011 e que hoje é tido como a pior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Um relatório publicado pela ONU apontou que 2014 foi um dos anos mais violentos da história do Afeganistão, computando 3669 civis mortos. Destes, 714 eram crianças. Houve um aumento de 22% no número de mortes em relação ao ano anterior. Ou seja, a coligação que desencadeou a invasão a um dos países mais pobres do mundo e rapidamente derrotou o governo do Talibã foi incapaz de garantir a paz. Após mais de uma década de conflito, Obama anunciou, em 2011, a retirada progressiva das tropas.29 Passou-se a tentar a negociação com o grupo Talibã, que se reforçou a partir de 2007.30

O conflito gerou instabilidade para todos os envolvidos. À medida que atentados e tensões aumentaram a instabilidade e as baixas no Afeganistão, os EUA, como principal apoiador militar, enfrentaram baixas de pessoal e gastos com armamentos.



Carro de combate holandês combatendo o Talibã em 2007

À época das eleições norte-americanas de 2012, nas quais Obama foi reeleito, a questão política era evidente e conturbada, havia amplo descontentamento dos cidadãos estadunidenses com a participação do país numa guerra que consumia US\$ 2 bilhões por semana³¹. Em meio a isso, a promessa de retirada gradual e progressiva das tropas foi um elemento-chave no processo eleitoral daquele ano.

Atualmente, o estado do Afeganistão, decorrente da guerra, é preocupante. Estudos mostram que 57% dos afegãos acreditam que seu país está tomando rumos errados, a maior taxa em 10 anos de pesquisas. Desemprego e segurança são apontados como as causas principais de tal percepção.³²

No que tange à economia, o crescimento econômico afegão também leva à descrença com queda significativa. Impulsionado por gastos com a guerra e ajuda internacional, o índice caiu de 9% na década que terminou em 2013 para 1,3% em 2014, dados que refletem perda de negócios, insegurança dos consumidores, falta de investimento privado e baixo

investimento público, fadando o país à descrença em melhorias por parte dos próprios cidadãos, além da comunidade internacional.³³

Em relação à segurança, a maioria dos cidadãos, 67,4%, temem por sua própria segurança. Os dados revelam a percepção crescente entre a população de que as Forças de Segurança Nacional afegãs precisam de apoio externo para operar. Em suma, 82,8% dos cidadãos dizem que o Exército Nacional Afegão precisa de apoio externo e 80,1% dizem o mesmo sobre a Polícia Nacional Afegã.³⁴

No que se refere à retirada de suas tropas do Afeganistão, era de interesse dos Estados Unidos realizá-la de maneira progressiva e contínua. Tal expectativa foi embargada pela visita do Presidente afegão Ashraf Ghani, sucessor de Karzai, em março de 2015.³⁵ Ghani solicitou a Obama que mantivesse suas tropas no território afegão para que fosse possível a implementação de seu plano para a reestruturação do país, o que seria impossível sob a pressão do Talibã.

A decisão da Casa Branca não foi ao

encontro do cronograma de Obama para a retiradas das tropas do Afeganistão, mas estabeleceu que o processo de retirada das tropas em 2016 seria definido posteriormente. Barack Obama havia indicado que deixaria apenas mil soldados no Afeganistão até 2017, quando deixou o cargo. Ele também desejava reduzir pela metade o número de soldados à época do pedido do presidente afegão, que solicitou flexibilidade nos planos estadunidenses e foi atendido. Muitos afegãos, porém, não receberam bem a notícia à época. Após 14 anos de conflito, quase 20 mil civis locais haviam sido assassinados como vítimas de uma campanha militar norte-americana para eliminar o Talibã que, contudo, resiste até os dias atuais.36

A decisão sobre a situação das tropas estadunidenses no Afeganistão no ano de 2015 se deu após meses de intensas deliberações entre Obama, líderes afegãos, autoridades do Pentágono, comandantes em campo e assessores da Casa Branca sobre como continuar da melhor forma a apoiar as forças afegãs. As tropas norte-americanas seguiram treinando e assessorando as forças afegãs, bem como focaram na garantia do combate à Al-Qaeda, com seus membros vistos como ameaças diretas à segurança dos EUA.

Para os Estados Unidos, se retirar do conflito também seria um ponto interessante a ser pensado. Tomando, por exemplo, a ótica do General chinês Sun Tzu³⁷, um país deve atentar-se estrategicamente para a administração dos próprios recursos que são aplicados na guerra. Assim, a redução dos gastos com o Afeganistão permitiriam o direcionamento de recursos para outros setores, internamente ou externamente. Os gastos poderiam ser revertidos para elevar o crescimento econômico do próprio país.



Exército Nacional Afegão treinando em 2010

MUDANÇA DE DIREÇÃO: A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP

Ao assumir a presidência, Donald J. Trump passou a implementar em 2017 uma nova política para o Afeganistão. O horizonte de retirada das tropas previsto por Obama parece mais distante com a intensificação do envio de tropas e o governo clamando para que a OTAN faça o mesmo.³⁸

No entanto, a propaganda eleitoral de Trump pregava a retirada integral dos contingentes estadunidenses do solo afegão. Uma das explicações para a mudança está no poder do Pentágono de influenciar o atual presidente. Deixar o Afeganistão na atual conjuntura poderia produzir um 'novo Iraque', onde a retirada das tropas em 2011 proporcionou condições para a ascensão de grupos

terroristas como o Daesh, outrora chamado de Estado Islâmico³⁹. Trata-se do primeiro presidente a mudar de opinião sobre o conflito desde seu início, há 16 anos.

A nova estratégia⁴⁰ ⁴¹ dos Estados Unidos para o Afeganistão inclui a ampliação da participação da Índia - com assistência econômica - e do Paquistão - em relação ao abrigo no seu território de 'inimigos' dos estadunidenses.⁴² O discurso de Trump não tocou na questão dos papéis da Rússia e do Irã no conflito.

A administração de Trump informou que o Pentágono enviará, num primeiro momento, 4 mil soldados adicionais ao Afeganistão⁴³, que se juntarão aos mais de 8 mil que já se encontram no país.⁴⁴ A decisão veio do Secretário de Defesa, Jim Mattis,

e será o maior desdobramento de militares de Donald Trump, que busca dar autonomia e autoridade a Mattis e resolver as reclamações dos comandantes militares estadunidenses no Afeganistão de que não há tropas suficientes para apoiar o exército afegão no combate ao Talibã. Esse novo contingente se dedicaria, sobretudo, ao treinamento e assessoria ao exército afegão. Uma pequena parte seria destinada à contra-insurgência, isto é, combater o Daesh e o Talibã.

Parece que 'vencer o terrorismo' está prevalecendo sobre a ideia de nation building. Ao mesmo tempo, a complexidade do Afeganistão não permite imaginar que o conflito será resolvido nos próximos anos. Dessa forma, o caso afegão continuará impactando a segurança internacional, especialmente uma parte da Ásia.

¹ Discentes do curso de Relações Internacionais da UNESP, Campus de Marília e membros do Obsrvatório de Conflitos Internacionais (OCI).

² ARKEDIS, Jim. Why Al Qaeda Wants a Safe Haven. Foreign Policy. 2009. Disponível em: http://foreignpolicy.com/2009/10/23/why-al-qaeda-wants-a-safe-haven/>. Acesso em: 08 set. 2015.

³ WINTOUR, Patrick et al. It's time for war, Bush and Blair tell Taliban. *The Guardian*, 2001. Disponível em: http://www.theguardian.com/world/2001/oct/07/politics.september11>. Acesso em: 08 set. 2015.

⁴ NAPOLEÃO, Thomaz. De Bonn a Bonn: uma década de engajamento internacional no Afeganistão pós-Talibã. *Conjuntura Austral*, 2013, v. 4, n. 15-16. p. 4-21.

⁵ FELBAB-BROWN, Vanda. *Slip-sliding on a yellow brick road: Stabilization efforts in Afghanistan.* Stability: International Journal of Security and Development, v. 1, n. 1, p. 4-19, 2012.

⁶ ROTHSTEIN, Hy S. Afghanistan and the troubled future of unconventional warfare. Naval Institute Press, 2006.

⁷ Fundada na década de 1980 por Jalaludin Haqqani em reação à invasão da União Soviética ao Afeganistão. Aliada do Talibã no poder e na rebelião depois de 2001. Hillary Clinton admite contatos entre EUA e rede talibã. *Terra*, 2011. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/hillary-clinton-admite-contatos-entre-eua-e-rede-taliba,1dea37ab6daea310Vgn CLD2000000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 31 ago. 2017.

⁸ Pode-se estabelecer 3 pilares da insurgência afegã, todas de maioria pashtun: o Talibã, com sede tradicional em Kandahar; a Rede Haqqani, baseada em Paktia, politicamente subordinada ao Talibã, mas goza de autonomia militar; e o Hizbe-Eslami, do antigo mujahed Gulbuddin Hekmatyar, atuante no entorno de Nangarhar. PEREIRA, Carlos Santos. Dez Anos de Guerra no Afeganistão. Nação e Defesa, 2011, n. 130. p. 179-216.

 $^{^9\,}$ Entre 2002 e 2004 os Talibãs lançam várias incursões no Sul do Afeganistão, causando 5 mil mortos, entre os quais 200 soldados norte-americanos. *Idem.*

¹⁰ STARKEY, Jerome. *Karzai's Taleban talks raise spectre of civil war warns former spy chief.* Edimburgo: The Scotsman, 2011.

 $^{^{\}rm 11}$ Província com administração tribal junto à fronteira com o Afeganistão. É referida também como FATA - Pakistan's Federally Administered Tribal Areas. PEREIRA, op. cit.

¹² VIRA, Varun; CORDESMAN, Anthony H. *Pakistan Violence Vs. Stability*: a National Net Assessment. Center for Strategic & International Studies, 2011.

¹³ US designates Haqqani group as 'terrorists'. *Al Jazeera*, 2012. Disponível em: http://www.aljazeera.com/news/asia/2012/09/201297134941881703.html. Acesso em 31 ago. 2017.

¹⁴ Obama deixará 8,4 mil soldados no Afeganistão ao término do mandato. O Globo, 2016. Disponível em: http://gl.globo.com/mundo/noticia/2016/07/ obama-deixara-84-mil-soldados-no-afeganistao-ao-termino-do-mandato. html>. Acesso em 31 ago. 2017.

 $^{^{\}rm 15}$ RASMUSSEN, Sune Engel. NATO Ends Combat Operations in Afghanistan. The Guardian, v. 28, 2014.

¹⁶ PINTO, Maria. Uma avaliação da Missão da NATO no Afeganistão. Nação e Defesa. n. 124. 2009. p. 203-216.

¹⁷ Loya Jirga aprova nova Constituição afegã. *Folha de São Paulo*. 2004. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0501200401.htm. Acesso em 31 ago. 2017.

¹⁸ CARNEY, John. With Goal Achieved, U.S. Troops Must Now Leave Afghanistan. Disponível em: http://johncarney.house.gov/index.php/media-center/in-the-news/262-news-journal-op-ed-with-goal-achieved-us-troops-must-now-leave-afghanistan>. Acesso em 30 out. 2015.

- ¹⁹ WILDER, Andrew R. Cops or Robbers? The Struggle to Reform the Afghan National Police. Kabul: Afghanistan Research and Evaluation Unit, 2007. Diponível em http://www.comw.org/warreport/fulltext/0707wilder.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.
- ²⁰ OECD. Better Policies for Development 2015: Policy Coherence and Green Growth. Paris, 2015. Disponível em http://www.oecd.org/pcd/Better%20 Policies%20for%20Development_2015.pdf>. Acesso em 12 dez. 2015.
- ²¹ BBC History. *The Taliban resurgence in Afghanistan*. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/history/events/the_taliban_resurgence_in_afghanistan. Acesso em 30 out. 2015.
- ²² KATZMAN, Kenneth. *Afghanistan*: Post-Taliban Governance, Security, and U.S. Policy. Disponível em: http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL30588.pdf. Acesso em 30 out. 2015.
- ²³ PETRAEUS, David H. Setting And Capitalizing on Conditions for Progress in Afghanistan. Army Magazine, 2010. Disponível em http://www.ausa.org/publications/armymagazine/archive/2010/10/Documents/Petraeus_1010.pdf. Acesso em 12 dez. 2015.
- ²⁴ LOTHIAN, Dan; MALVEAUX, Suzanne. Obama to Send 4,000 more troops to Afghanistan, officials say. *CNN*, Washington. 2009. Disponível em http://edition.cnn.com/2009/POLITICS/03/26/ us.afghanistan.troops/>. Acesso em 12 dez. 2015.
- ²⁵ ELCI, Zerin. Afghan and Pakistan Leaders Pledge Cooperation. *Reuters*. 2009. Disponível em: http://uk.reuters.com/article/uk-afghanistan-pakistan-turkey-idUKL197083220090401. Acesso em 12 dez. 2015.
- ²⁶ BORGER, Julian. UN in Secret Peace Talks with Taliban. *The Guardian*. 2010. Disponível em: http://www.theguardian.com/world/2010/jan/28/taliban-united-nations-afghanistan. Acesso em 10 set. 2015.
- ²⁷ PEREIRA, op. cit.
- ²⁸ LERIA, Luis. *Dossiê*: Afeganistão. São Bernardo do Campo. 2011. Disponível em: http://www.islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=374%3Adez-anos-de-guerra-do-afeganistao&catid=36%3Amanchetes&Itemid=97. Acesso em: 08 set. 2015.
- ²⁹ SALVADOR, Susana. A guerra de Bush que Obama herdou e Trump quer ganhar. *Diário de Notícias*. 2017. Disponível em: httml>. Acesso em 31 ago. 2017.
- 30 Terra, op. cit.
- ³¹ Obama Anuncia Adiamento da Retirada das Tropas do Afeganistão. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 2015. Disponível em: http://www1.folha.uol.com. br/mundo/2015/10/1694228-obama-anunciara-a-manutencao-de-tropas-no-afeganistao-diz-nyt.shtml>. Acesso em: 04 nov. 2015.
- 32 SADAR, Masood Sayed et al. Afghanistan in 2015: A Survey of the Afghan People. Asia Foundation, 2015.

- ³³ *Idem*.
- ³⁴ *Idem*.
- ³⁵ Presidente do Afeganistão tentará obter reforço militar dos EUA. *Veja*, 2015. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/presidente-do-afeganistao-tentara-obter-reforco-militar-dos-eua/. Acesso em 31 ago. 2017.
- ³⁶ AZEVEDO, Reinaldo. Obama anuncia hoje plano de retirada gradual de soldados do Afeganistão. *Veja*. 2011. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/obama-anuncia-hoje-plano-de-retirada-gradual-de-soldados-do-afeganistao/>. Acesso em 31 ago. 2017.
- ³⁷ TZU, Sun; PIN, Sun. A arte da guerra. WWF Martins Fontes, 1996.
- ³⁸ BATISTA, Henrique Gomes. Trump anuncia endurecimento militar dos EUA no Afeganistão. *O Globo*. 2017. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/trump-anuncia-endurecimento-militar-dos-eua-no-afeganistao-21731780. Acesso em 31 ago. 2017.
- ³⁹ Afeganistão: o giro afegão de Trump. *El País*. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/23/opinion/1503509091_604678.html. Acesso em 31 ago. 2017.
- ⁴⁰ FLECK, Isabel. Sem dar números, Trump anuncia nova estratégia para o Afeganistão. Folha de São Paulo, Washington. 2017. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911857-sem-dar-numeros-trump-anuncia-nova-estrategia-para-o-afeganistao.shtml>. Acesso em 31 ago. 2017.
- ⁴¹ DAVIS, Julie H; LANLER, Mark. Trump Outlines New Afghanistan War Strategy With Few Details. *The New York Times*, 2017. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/08/21/world/asia/afghanistan-troops-trump.html. Acesso em 31 ago. 2017.
- ⁴² KNIGGE, Michael. A jogada de Trump no Afeganistão. *Deutsche Welle*. Disponível em: http://www.dw.com/pt-br/a-jogada-de-trump-no-afeganist%C3%A3o/a-40192115>. Acesso em 31 ago. 2017.
- ⁴³ US sending almost 4,000 extra forces to Afghanistan, Trump official says. *The Guardian*. 2017. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2017/jun/15/us-troops-afghanistan-trump-administration. Acesso em: 31 ago. 2017.
- ⁴⁴ Trump deve mandar mais 4 mil soldados ao Afeganistão, diz imprensa. *O Globo*. 2017. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/trump-devemandar-mais-4-mil-soldados-ao-afeganistao-diz-imprensa-21731400. Acesso em 31 ago. 2017.
- ⁴⁵ ORTE, Paola de. Trump aumenta autonomia do exército dos EUA para decisões no Afeganistão. *Agência Brasil*. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com. br/internacional/noticia/2017-08/trump-aumenta-autonomia-do-exercito-doseua-para-decisoes-no>. Acesso em 31 ago. 2017.

Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília – SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguilar Layout: Paula Schwambach Moizes

ISSN: 2359-5809

Comentários para: oci@marilia.unesp.br Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci Série Conflitos Internacionais mais recentes:

Grupos não estatais geradores de conflitos: Síria, Iraque, Somália,

Nigéria, Líbia e Mali V. 3, n. 3

Segurança e terrorismo na Europa V. 3, n. 4

O conflito armado em Darfur - Sudão V. 3, n. 5

A Somália e o Al Shabaab V. 3, n. 6

A questão curda V. 4, n. 1

O atual conflito no Sudão do Sul V. 4, n. 2

O conflito na Costa do Marfim e as missões de paz da ONU V. 4, n. 3